

# Aristóteles Drummond

## A história vence a mentira

Vivemos estes anos de tal radicalização mundial que a verdade varia ao sabor dos ódios ou paixões, quase sempre irracionais.

No caso brasileiro, o absurdo maior pode ser o questionamento do resultado eleitoral de 2022. Bolsonaro pode ter sido prejudicado na campanha como reação à coleção de atritos que provocou ao longo do mandato. Mas construiu a derrota, que foi por pouco, pois fez bom governo. Nas máquinas, perdeu, inclusive com auditoria de técnicos das Forças Armadas. As mesmas máquinas elegeram todos os governadores dos estados ricos e deu maioria ao centro democrático e à direita populista no Congresso Nacional.

Dentro desta cultura de paixões e ressentimentos, ganha espaço – e financiamento – filmes de boa qualidade com mensagem de ódio aos 21 anos de regime autoritário que vivemos em ordem e progresso. Um exagero desmedido a reação das polícias aos grupos armados que sequestravam, assaltavam e executavam adversários ou inocentes, como os militares estrangeiros

de passagem pelo Brasil. Um deles, um alemão, os executores reconheceram ter sido por engano. Claro que houve exageros lamentáveis e condenáveis. Mas foi depois do regime que estados governados pela oposição aos militares em São Paulo e no Pará que ocorreram barbaridades, como Carandiru e Eldorado dos Carajás, embora neste último os policiais tenham sido atacados e reagiram talvez em excesso. Este tipo de violência policial não é privativo de governos fortes. Nem aqui nem em nenhuma parte do mundo.

Curioso que neste massacre no Irã, onde mulheres são tratadas como seres inferiores, numa ditadura violenta, o silêncio das esquerdas impressiona, assim como a maneira disfarçada com que se condena a ação de resgate econômico, ético e de liberdade na Venezuela.

Percebe-se, entretanto, uma reação da maioria que está deixando de ser silenciosa, nas redes sociais e na mídia em geral. Não tomando partido, mas defendendo a verdade e vendo a situação com seus lados positivos e negativos.

# Barros Miranda\*

## A falta de ídolos no esporte

A discussão sobre a falta de ídolos no esporte brasileiro vai além da simples ausência de grandes talentos. O Brasil continua revelando atletas competitivos e vencedores, mas a construção de ídolos — figuras que transcendem resultados e se tornam símbolos coletivos — parece cada vez mais rara. Esse fenômeno está ligado a mudanças culturais, midiáticas e até sociais que transformaram a relação entre o público, o esporte e seus protagonistas.

Durante décadas, ídolos como Pelé, Ayrton Senna, Zico ou Hortência representaram muito mais do que conquistas esportivas. Eles simbolizavam esperança, identidade nacional e superação em um país marcado por desigualdades. Suas trajetórias eram acompanhadas com admiração quase unânime, em uma época em que a exposição era limitada e a narrativa heroica prevalecia. Hoje, porém, o excesso de informação e a hipertextualização nas redes sociais tornaram os atletas mais acessíveis, mas também mais vulneráveis a críticas constantes, julgamentos precipitados e cancelamentos.

O imediatismo do esporte moderno contribui para a dificuldade de consolidação de ídolos. Jovens atletas são elevados a esse status precocemente, sem tempo para amadurecer, e

logo são substituídos quando os resultados não aparecem. A pressão excessiva por vitórias e performances perfeitas impede a construção de narrativas duradouras, essenciais para a idolatria. O erro, que faz parte do processo esportivo, passou a ser tratado como fracasso definitivo.

Outro ponto relevante é a mercantilização do esporte. Atletas são constantemente associados a marcas, contratos e estratégias de marketing, o que muitas vezes afasta o público. A sensação de espontaneidade e autenticidade se perde em meio a discursos ensaiados e imagens cuidadosamente produzidas. O ídolo deixa de parecer alguém “como nós” e passa a ser visto apenas como um produto.

Por fim, é preciso reconhecer que a própria sociedade brasileira vive uma crise de referências. Em um ambiente de polarização, desconfiança e críticas constantes, tornou-se difícil sustentar figuras amplamente admiradas. Talvez não falem ídolos em potencial, mas sim disposição coletiva para construí-los e preservá-los. Resgatar essa relação exige tempo, empatia e a compreensão de que ídolos são humanos — falhos, complexos e, justamente por isso, inspiradores.

\*Jornalista e Historiador

# EDITORIAL

## A intolerância que insiste pelo país

O dia 21 de janeiro não é apenas uma data simbólica no calendário brasileiro. É um marco de memória, resistência e alerta permanente. Instituído como o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, ele recorda que a liberdade de crença, garantida em lei, ainda enfrenta desafios concretos no cotidiano de milhares de brasileiros. Mais do que lembrar o passado, a data convida à reflexão sobre o presente e à responsabilidade coletiva de construir um futuro onde a fé de cada cidadão seja respeitada.

O Brasil é reconhecido internacionalmente por sua diversidade cultural e religiosa. Católicos, evangélicos, espíritas, judeus, muçulmanos, religiões de matriz africana, povos indígenas e tantas outras expressões de espiritualidade convivem em um mesmo território. Essa pluralidade, no entanto, não tem sido sinônimo de harmonia. Casos de intolerância religiosa são registrados com frequência em todas as regiões do país, revelando que o preconceito ainda se manifesta de forma cotidiana, seja por meio de agressões verbais, ataques a templos, discriminação no trabalho ou violência simbólica e física.

Os números oficiais mostram que denúncias de intolerância religiosa ocorrem prati-

camente todos os dias no Brasil. A maioria dos registros envolve seguidores de religiões de matriz africana, historicamente alvo de estigmatização e perseguição. Esses dados não representam apenas estatísticas frias, mas histórias reais de dor, exclusão e violação de direitos fundamentais. Cada ocorrência evidencia que a intolerância religiosa não é um problema isolado, mas um fenômeno estrutural que exige atenção constante do poder público e da sociedade.

Combater a intolerância religiosa vai além de ações pontuais ou campanhas em datas específicas. Trata-se de promover uma mudança cultural profunda, baseada no respeito, na educação e no diálogo. É nas escolas, nos lares, nas igrejas, nos terreiros, nas redes sociais e nos espaços públicos que essa transformação precisa acontecer. Respeitar a fé do outro, ou a ausência dela, é reconhecer a dignidade humana como valor inegociável.

Que o 21 de janeiro não seja apenas lembrado, mas internalizado. A luta contra a intolerância religiosa deve estar na consciência de todos, todos os dias. Somente assim será possível construir uma sociedade verdadeiramente democrática, plural e justa, onde a diversidade não seja motivo de ódio, mas de convivência e aprendizado coletivo.

# Opinião do leitor

## Calor carioca

É mais fácil se refugiar da espiral do ar glacial vinda do polo do que do calor carioca. Como as pessoas estão conseguindo sobreviver as altas temperaturas...

José Ribamar Pinheiro Filho  
Brasília - Distrito Federal

# O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA \* POR BARROS MIRANDA



## HÁ 95 ANOS ANOS: BRASIL REGULARIZA A PROFISSÃO DE FARMACÊUTICO

As principais notícias do Correio da Manhã em 22 de janeiro de 1931 foram: Derrotado na moção de confiança, a equipe de Steeg pediu demissão do ministério francês. Epidemia de gripe se alastra pela Europa. Governo publica decreto que regulariza a profissão de farmacêutico no Brasil.

## HÁ 75 ANOS: SENADO FAZ SESSÃO SECRETA PARA DEBATER O ABONO DO SERVIDOR PÚBLICO

As principais notícias do Correio da Manhã em 22 de janeiro de 1951 foram: Próxima Assembleia-Geral da ONU deverá ser em Paris e um dos temas a serem debatidos será a denúncia dos Estados Unidos contra a China Comunista, pela intromissão na Guerra da Coreia, alarmando ainda mais o conflito. Voltam-se as negociações para a Alemanha Ocidental entrar no Pacto do Atlântico. Senado realiza sessão secreta para debater o Abono de Natal do funcionalismo público.

# Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral) | Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)  
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br | redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima  
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil  
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Thiago Ladeira e Anderson Sá

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872  
Whatsapp: (21) 97948-0452  
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22275-057  
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-20  
São Paulo:  
Campinas:

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.